

# Sionismo sempre foi um projeto colonial, afirma historiador

Considerado herdeiro intelectual de Edward Said, Rashid Khalidi é um dos grandes autores palestinos desta geração

ENTREVISTA  
RASHID KHALIDI  
Diego Bercito

SÃO PAULO O palestino Yusuf al-Khalidi escreveu em 1989 uma carta para Theodor Herzl, considerado o pai do sionismo moderno. Yusuf se opunha à criação de um Estado nacional judeu na Palestina. Dizia: "É habitada por outras pessoas". Seu sobrinho-trineto faz hoje um alerta semelhante. Em seu livro "Palestina", Rashid Khalidi afirma que o sionismo e Israel são projetos coloniais que culminaram na alienação da população nativa palestina. Khalidi, 75, é um dos principais intelectuais palestinos desta geração. É de certo modo um herdeiro de Edward Said, autor do estudo clássico "Orientalismo", publicado pela primeira vez em 1978 e, assim como ele, leciona na Universidade Columbia, em Nova York. O livro "Palestina" saiu em 2022 nos EUA, mas só chegou agora ao Brasil, pela editora Fofa. Uma de suas teses centrais é a de que os palestinos

são alvos de uma guerra há cem anos. Ou seja, desde antes de suas terras darem lugar a Israel, em 1948 —ou da campanha militar lançada na Faixa de Gaza por seu Exército em 7 de outubro passado. A ofensiva, motivada por um ataque do grupo terrorista Hamas ao sul israelense que deixou cerca de 1.400 mortos, já tirou a vida de mais de 32 mil palestinos segundo as estimativas de autoridades de saúde de Gaza. Entidades internacionais ainda acusam Tel Aviv de usar a fome como uma tática de batalha. "O sionismo é e sempre foi colonial e usou estratégias coloniais, incluindo a compra e a confiscação de terras e a eliminação da população original", diz Khalidi à Fofa. Ele também é enfático na sua crítica ao apoio americano a Israel. "Sem os EUA, nada disso estaria acontecendo".

O senhor publicou seu livro em 2022 falando em uma guerra de cem anos contra a Palestina. Há agora uma nova guerra acontecendo. A tese central do livro se

mantém. Temos que enxergar o que está acontecendo em Gaza dentro do contexto de uma guerra mais ampla, que é uma guerra para substituir uma população por outra, apagar a identidade de uma população nativa e tomar o máximo possível de terra. O livro sugere que o sionismo foi desde o início um projeto colonial. O sionismo sempre disse que é um projeto nacional, o que não é inteiramente falso. É um projeto nacional de judeus do Leste Europeu. Foi uma resposta à perseguição de judeus de lá, que levou à conclusão de que apenas uma entidade nacional poderia proteger os judeus. Nada disso é falso. Mas o sionismo é e sempre foi colonial e usou estratégias coloniais, incluindo a compra e a confiscação de terras e a eliminação da população original. São os métodos clássicos. Foi o que aconteceu na América portuguesa e espanhola, nas colônias britânicas e francesas. Não há diferença nos métodos. Isso sem contar o fato de que os líderes sionistas diziam isso de um modo explícito. Não tinham dúvida de que



Rashid Khalidi, 75. Nascido em Nova York numa família palestina, cursou seu doutorado na Universidade Oxford. É autor de importantes estudos sobre Palestina.

eram europeus tomando um país de sua população nativa.

É controverso dizer que o sionismo é um projeto colonial. Por quê? Por causa de uma das campanhas de propaganda mais brilhantes da história que convenceu o mundo, em especial depois do Holocausto, de que a Europa tinha a obrigação de ajudar a criar esse refúgio para os judeus. Há também o argumento bíblico. Protestantes, como nos Estados Unidos, creem que há um mandamento divino para os judeus retornarem à terra.

É também controverso dizer que o sionismo é um projeto nacional? É difícil para muitos aceitar que, com o tempo, uma identidade nacional se desenvolveu entre a população de colonos. É difícil para os palestinos dizerem: os israelenses são um povo e têm direitos, em especial porque esses direitos são exercidos em detrimento dos direitos dos palestinos.

Como essa situação —um projeto colonial e nacional— se resolve? Há três possibilidades. A primeira é a eliminação da população nativa ou sua redução a um ponto em que podem ser considerados politicamente, como na América do Norte, na Austrália e na Nova Zelândia. A outra possibilidade é a expulsão dos colonos, que aconteceu na Líbia e na Argélia. A terceira é que os colonos sejam aceitos como nativos ou vivam lado a lado com os nativos. É o que vemos na África do Sul —os colonos perderam sua hegemonia, mas permaneceram. Só que estamos longe disso. Ficamos ainda mais longe com o 7 de outubro.

O seu livro começa em 1917. Por que o senhor escolheu essa data? É a data da Declaração Balfour [em que o governo britânico apoiou a criação de um lar judaico na Palestina]. Foi quando tudo isso tomou forma. É a data da intrusão dos britânicos. Sem apoio internacional, Israel não teria sido criado. Até então, sionistas buscavam um patrocínio. Esse apoio mudou com o tempo. Desde os anos 1960, têm sido os Estados Unidos.

Qual papel os Estados Unidos têm no que acontece hoje em Gaza? Os EUA são indispensáveis para o genocídio, para o uso da fome como arma, para a morte de milhares de crianças. Sem eles, nada disso estaria acontecendo. Esse apoio vai mudar agora? Não sei. Mas há uma mudança em curso na opinião pública. Israel nunca terá o apoio global que teve. Isso por conta das redes sociais e da mídia alternativa, em especial entre os mais jovens. O que não significa que a política vai mudar, porque aqueles que tomam decisões não mudaram.

Que papel Brasil pode ter nesse contexto? Declarações como do presidente Lula, que falou em genocídio, podem ter algum impacto? É claro que sim. É necessário um esforço imenso [para alterar a situação]. Quanto mais países mudarem sua posição, haverá mais pressão em Israel e nos Estados Unidos. Pode não parecer muito, mas cada país que chama um genocídio de "genocídio" coloca mais pressão.

Palestina: Um Século de Guerra e Resistência (1917-2017) de Rashid Khalidi. Editora Fofa. 480 páginas, R\$ 49,90 (pocket).

“Os EUA são indispensáveis para o genocídio, para o uso da fome como arma, para a morte de milhares de crianças. Sem eles, nada disso estaria acontecendo”

## CORTE DE HAIA ORDENA QUE ISRAEL GARANTA ALIMENTOS A GAZA

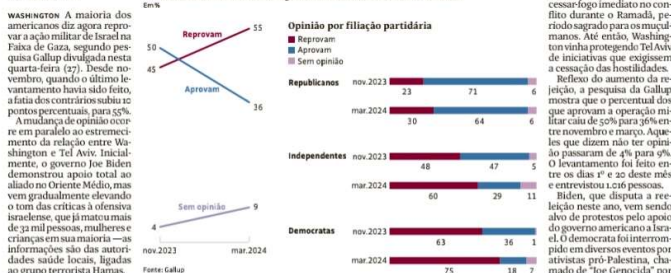
A Corte Internacional de Justiça (CIJ) —mais conhecida como Corte de Haia— ordenou de forma unânime nesta quinta-feira (28) que Israel tome todas as medidas necessárias para garantir o fornecimento de alimentos básicos à população na Faixa de Gaza. O Tribunal observa que os palestinos em Gaza não estão mais enfrentando apenas o risco de fome [...], mas que ela está se instalando [de forma permanente], afirmou. A ação foi solicitada pela África do Sul como parte do caso em que acusa Israel de promover um genocídio em Gaza. Tel Aviv mantém Gaza sob cerco total desde o início do conflito, em 7 de outubro. Ao lado, a bebê Leila Jeneid sofre destruição aguda no hospital Kamal Adwan, no norte do território.



## Maioria dos americanos reprovava ação militar de Israel na Faixa de Gaza, aponta pesquisa

Fernanda Perrin

Maioria dos americanos reprovava ofensiva de Israel em Gaza



O ápice da tensão ocorreu na última segunda (26), quando os EUA não usaram seu poder de veto para impedir a aprovação de uma resolução do Conselho de Segurança da ONU que demanda um cessar-fogo imediato no conflito durante o Ramadã, período sagrado para os muçulmanos. Até então, Washington vinha protegendo Tel Aviv de iniciativas que exigissem a cessação das hostilidades. Reflexo do aumento da rejeição, a pesquisa da Gallup mostra que o percentual dos que aprovam a operação militar caiu de 56% para 36% entre novembro e março. Aqueles que dizem não ter opinião passaram de 4% para 9%. O levantamento foi feito entre os dias 1º e 25 deste mês e entrevistou 1.016 pessoas. Biden, que disputa a reeleição neste ano, vem sendo alvo de protestos pelo apoio a Israel. O democrata foi interrompido em diversos eventos por ativistas pró-Palestina, chamados de "Joe Genocídio" por manifestantes em frente a Casa Branca e virou alvo de uma campanha nas primárias do partido para que eleitores votem na opção "uncommitted" (livre de compromisso). Democratas são, justamente, aqueles que mais desaprovam a ofensiva israelense. Segundo a pesquisa da Gallup, 75% dos que se identificam com o partido rejeitam a operação militar —em novembro, eram 61%. Entre aqueles que se declaram independentes, os que desaprovam a operação eram minoritários (49%), agora eles são maioria (60%). A única parcela da população que permanece favorável à ofensiva é a republicana. No entanto, mesmo nesse grupo o apoio caiu de 78% para 64%. A abordagem adotada por Biden em relação ao conflito no Oriente Médio, por sua vez, é aprovada por apenas 27% da população. O percentual sobe entre democratas para 47%, mas ainda assim é minoritário. Entre independentes e republicanos, a fatura caiu para 24% e 16%, respectivamente.